

# REVISTA MARACANAN

## Nota de Pesquisa

### Cidades e corpos - Histórias e movimentos

*Cities and bodies - Stories and movements*

**Sheila Hempkemeyer\***

Universidade Federal de Santa Catarina  
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

**Recebido em:** 16 dez. 2019.

**Aprovado em:** 08 abr. 2019.



---

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, Brasil.

\* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina; graduada em Psicologia pela Universidade Regional de Blumenau. (she.hempke@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-0875-0717>

 <http://lattes.cnpq.br/6215513642239087>

## Resumo

O texto faz parte de um processo de pesquisa de doutorado em educação, e dialoga, de modo ensaístico, com temas como cidade, imagens, corpo e atravessamentos afetivos cotidianos. Tensiona estes diálogos com a educação, a história, o cotidiano e outros modos de pensar o emaranhado urbano, ancorada no método cartográfico. Através de processos formativos vividos pela autora, busca-se evidenciar questões, inquietudes e incômodos ainda instáveis, ensaiados no cotidiano e esboçado em pensamento e invenções. Defende que a potência da criação e da errância na cidade são modos insurgentes de rupturas frente aos atuais avanços conservadores, atentando-se ao exercício da alteridade, da inventividade e da experimentação, tendo como referências principais autores como Michel Foucault, Suely Rolnik, Félix Guattari, Peter Pelbart, entre outros.

**Palavras-chave:** Cidade. Corpo. Experiências Urbanas. Errância.

## Abstract

The text is part of a doctoral research process in education, and dialogues, in an essayistic manner, with themes such as the city, images, body and everyday affective crossings. These dialogues tension with education, history, daily life and other ways of thinking about the urban tangle, anchored in the cartographic method. Through formative processes experienced by the author, seek to evidence issues, concerns and discomforts that are still unstable, rehearsed in everyday life and outlined in thought and inventions. It argues that the power of creation and wandering in the city are insurgent ways of ruptures in the face of current conservative advances, paying attention to the exercise of otherness, inventiveness and experimentation, having as main references authors such as Michel Foucault, Suely Rolnik, Félix Guattari, Peter Pelbart, among others.

**Keywords:** City. Body. Urban Experiences. Wandering.

*Olho o mapa da cidade como quem examinasse a anatomia de um corpo...*

Mário Quintana. O Mapa.

## **Corpo-cidade e cidade-corpo: uma relação convergente**

A história está sempre acontecendo. É dinâmica. Contada e recontada, fala de um passado através de atualizações presentes. Narra vivências, experiências, fatos e ficções. Com um repertório afetivo opera em um território movediço, reeditando feitos e feitiços.

A história se renova dependendo da voz que a conta. Do corpo que lê e fala, sobre passagens que fez e ainda faz de eventos envolventes no universo. Há sempre histórias para contar, para escutar, para mo(ver) e imaginar. Histórias em movimento que movem corpos a descobrirem sua própria história. Ela tem sido construída, desconstruída e reconstruída a partir de um único lugar: o corpo. Há sempre algum corpo na história e é a partir dele que a história existe. O corpo faz história e é histórico. A partir do que conhece sobre si cria o mundo e recria os ambientes que habita.

E “que corpo é esse?”, perguntam teóricos, filósofos, poetas, canções, pichações urbanas. Um corpo feito de átomos, células, que é fisiológico. Mas que também pode ser afeto, cultura e tem uma historicidade territorializada. Um corpo biológico que faz história e reinventa a própria biologia dos corpos a partir do que descobre sobre si e o mundo, um “revelador de mecanismos inconscientes, de natureza tanto psíquica como física”.<sup>1</sup> Para além da materialidade orgânica, os afetos circulam tanto quanto o oxigênio, compondo-o subjetivamente uma história particular e também coletiva do corpo em movimento.

Várias são as formas de olhar para o corpo, de falar sobre ele e de produzir suas epistemologias. O modo como percebemos o mundo implica diretamente na relação que estabelecemos entre nossos corpos, com os outros, o ambiente e tudo que se constrói vinculado a ele, neste sentido “o mundo vive efetivamente em nosso corpo e nele produz gérmenes de outros mundos”.<sup>2</sup> Esta relação transforma intimamente nossa presença no mundo, visto que “ninguém vive apenas como organismo: convive. Ninguém convive apenas como

---

<sup>1</sup> SUQUET, Annie. Cenas. O corpo dançante: um laboratório da percepção. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). *História do corpo*. Vol. 3: As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 517.

<sup>2</sup> ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição*: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 Edições, 2018, p. 54.

interação: compartilha. Nenhuma vida se faz apenas como contenção: expande-se”.<sup>3</sup> Ao iniciar a travessia o corpo treme, troca olhares, toques, suspiros, lágrimas, risos, dúvidas e culpas, conquistas e expectativas. Compõe outros corpos: da cidade, da ciência, de si, dos outros, etc, etc, etc, da história. Um corpo poético, pedalante, urbano, passageiro, ciborgue, que atua e é artista. E brincando no espaço e com espaçamentos, (ar)risca outras roupagens cidadinas, vitais, no texto. Corpo (CON)texto, receptáculo de inquietudes e revoluções, que carrega consigo um vulcão ativo, em erupção, na intenção de afastar a comodidade cotidiana e transformar seu entorno. Um corpo (des)atento que capta as (in)significâncias que lhe atravessam no tempo. Na pele que lhe cobre imprime as marcas de efêmeras passagens, desejos, medos, curiosidades. Na pele que é fronteira, janela e cortina da existência, o corpo pulsa, boicota e reinventa sua própria existência.

Os corpos são múltiplos, diversos, moventes. Humano e não-humano. Homem, mulher, bicha, trans, negros, brancos, indígenas. Alto, baixo, gordo, magro, mutilado. Do campo, da floresta e/ou da cidade, plural, indefinível, que compõem imagens e tecem historicidades por onde passam, “matéria sensível e pensante”,<sup>4</sup> grafando existências pelos territórios que habitam e são habitados, expandindo-se ou retraindo-se conforme escuta e sente os ecos e sussurros do ambiente. Não há como fazer história sem corpo, sem implicá-lo no ato de ler e escrever e imaginar (n)o mundo. O corpo escreve, apaga, escreve de novo, registra, mapeia, fotografa, captura e é capturado. Corta, costura, remenda, customiza. Pedala, para, e pedala de novo. Caminha, corre, descansa, dança. O corpo pesquisa, pulsa, vibra, revela, denuncia, anuncia espacialidades e virtualidades, respira. Abre e fecha caminhos, e enquanto campo de força e de magnetismos produz saberes e conhecimento, “um lugar privilegiado da imaginação” e de expansão da existência, pois “só um corpo pode afetar outro corpo”.<sup>5</sup>

O corpo também é expressão, voz, escuta, é subjetividade, passagem, travessia, morada da carne, “um microcosmo, verdadeira representação do mundo em miniatura”.<sup>6</sup> Um corpo não é só biologia, é também projeto e expectativa, um agente de cultura. Enquanto território existencial é habitat de emoções, potências, imaginação, desejos, por onde expressamos modos de ver e sentir aquilo que nos atravessa. A afetividade e os encontros sensíveis passam necessariamente pelos sentidos: pelo olhar, pelo toque, o cheiro, as memórias, envolvendo sempre uma temporalidade. É pelo corpo que expressamos e experimentamos o auge e a ruína, a poética e o drama da vida, e onde “o sensível e o imaginário [...] dialogam com infinito refinamento, suscitando interpretações, ficções perceptivas que dão origem a outros tantos corpos poéticos”.<sup>7</sup> À partir desta perspectiva, ficcional e poética, que esta escrita se entrelaça com determinadas linhas históricas sobre

<sup>3</sup> RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1999, p. 98.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 538.

<sup>5</sup> Respectivamente: ZERNER, Henri. O olhar dos artistas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). *História do corpo*. Vol. 2: Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 103; SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 95.

<sup>6</sup> ZERNER, Henri. O olhar dos artistas... *Op. cit.*, p. 103.

<sup>7</sup> SUQUET, Annie. Cenas. O corpo... *Op. cit.*, p. 516.

corpo e cidade, acreditando que são modos de operar com intensidade na composição do texto.

A proposta deste ensaio é arriscar um diálogo ínfimo entre o corpo e a cidade, seus movimentos, histórias e atravessamentos, acreditando que “todas as formas de vida são portadoras de capacidade expressiva e criadora”.<sup>8</sup> Apresentar caminhos investigativos e pedagógicos, costurados em diversos território de aprendizagens: academia, cidade, obras literárias, artes urbanas. Meus movimentos de revolução passam, sobretudo, pela escrita, pela criação, pela errância pedagógica e urbana. Montada em uma bicicleta tenho uma vista panorâmica para a utopia. Observo corpos e movimentos insurgentes no contexto urbano, que deslocam o lugar da cidade pela perspectiva da velocidade, em especial a pedalante, reinventando histórias e o próprio corpo. É a partir destes elementos que esta escrita se fecunda e outras imagens saltam no processo.

### **Um breve e arriscado resgate**

Acredito que é por meio do corpo que as potencialidades se fazem possíveis. Morada de um não lugar, habitat de utopias, carrega consigo o peso do mundo. Um corpo que sinto, mas não vejo, “que só aparece na miragem dos espelhos [...] de maneira fragmentária”.<sup>9</sup> O encontro com a própria imagem, o reconhecimento de si, dão origem aos feitos humanos no mundo. Perceber os vários eus, e os nós que me constituem, servem de subsídio para minha ação e intervenção no ambiente, bem como para pensar a criação das civilizações humanas. Pressupõem-se que nossas invenções dão-se à partir de determinadas necessidades, sejam elas físicas ou afetivas, morais ou culturais. Elas partem sempre de um ponto comum: o próprio corpo. Projetadas para suprir desejos e arquitetadas pelos conhecimentos sobre seu próprio funcionamento.

Historicamente, no ocidente colonizado, as necessidades partiram (e ainda, predominantemente, partem) de um corpo específico: do homem branco cis hétero e burguês. Há uma vasta coletânea de conhecimentos produzido por estes homens, e para eles mesmos, sobre a diversidade humana (e não-humana) que habita a vida no planeta, e fora dele. Este é um debate de suma importância que merece atenção e investigação. Demarcá-lo é um exercício ético-político, principalmente pelos movimentos contemporâneos que resgatam outras histórias sobre a vida pelo olhar decolonial e feminista, considerando outras epistemologias. Evidencia-se, que as referências históricas lidas para compor este texto são, lamentavelmente, na maioria de homens, o que demonstra a fragilidade em gerar afirmações totalizantes, justamente por terem como base aquele lugar comum. No entanto é preciso respeitar o que eles se propuseram a construir em seus tempos, e à partir disso pensar outros modos de (re)contar a história. Este será um traçado instável, que pode sofrer mutações em

---

<sup>8</sup> ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição...* Op. cit., p. 105.

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico: As heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013, p. 11.

um curto espaço de tempo, dependendo do corpo que o ler e da travessia que este fizer até aqui. Por isso também são notas de um agora, trêmulas e escorregadias, sobre processos de pesquisa que podem a qualquer momento ruir e serem confrontados, inclusive por quem vos escreve.

As cidades ocidentais foram (e, infelizmente, ainda são) pensadas com base nas experiências e anseios de homens brancos burgueses, e por isso é notório que as opressões e violências de gênero, raça e classe sejam reproduzidas nos espaços da vida social, inclusive nos espaços urbanos. Inúmeros são os rastros cotidianos que ainda permanecem e podem ser percebidos na construção desta cidade sexista e estruturalmente desigual, em que grupos sociais marginalizados têm sua experiência urbana ignorada no planejamento citadino, principalmente porque ocupam espaços distintos na vida social. Deste modo, os binarismos presentes culturalmente – público-privado, por exemplo – são reforçados nos arranjos espaciais, com intuito de manter determinados padrões e privilégios de circulação e produção subjetiva através dos traços arquitetônicos. Um exemplo desta organização histórica se dá pela distinta circulação entre homens e mulheres na cidade, onde a mulher era destinada ao confinamento do espaço doméstico (privado) e sua circulação em ambientes públicos estava diretamente ligada à dinâmica e demandas do lar e da família (bela, recatada e do lar).<sup>10</sup> Vale ressaltar que o traçado territorial é corresponsável por organizar as relações sociais e afetivas que estabelecemos, produzindo modos de existir. Por isso é relevante pontuar que os impedimentos impostos à mulheres, pessoas não-brancas e não-ricas na participação da vida pública foram, e ainda são, determinantes na construção histórica das cidades. Atentar sobre o olhar e sensações de diferentes agentes sociais sobre o espaço habitado interferem na sua dinâmica, fluxos e extensão territorial.

Refletindo sobre a dimensão urbana é possível afirmar que as cidades nem sempre foram grandes ou planejadas. Os projetos urbanísticos eram desenhados, como já dito, fundamentalmente pelos passos e passagens de homens, tanto na vida pública (praças, ruas, casas) quanto na privada (distribuição e tamanho de cômodos no lar), visto que suas experiências foram fundantes na edificação urbana. Bebendo na fonte de Rodrigues sabe-se que o binarismo público-privado nem sempre foi distinto. Havia um entrelace entre eles nas cidades medievais, que servem de base para analisar nossas cidades atuais no ocidente colonizado. Elas eram pequenas, estruturadas em uma escala humana, tudo ao alcance do corpo. Tinham no máximo dois quilômetros de diâmetro, tamanho suficiente para se alcançar tudo em uma caminhada. Praticamente todas as pessoas se conheciam, se esbarravam, se tocavam, e quase tudo era feito a pé, compartilhando mutuamente os espaços, e conseqüentemente a público-privado se fundiam. Pessoas e animais e plantas se misturavam independente de suas classes, cores, credos, sexos, havendo uma convivência colaborativa entre espécies, alimentos e excrementos.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> LESSA, Fábio de Souza; SOUZA, Maria Angélica Rodrigues de. A integração dos grupos de esposas na pólis. *Politéia - História e Sociedade*, Barcelona, v. 9, n. 1, p. 199-212, jun. 2011.

<sup>11</sup> RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história. Op. cit.*

A impressão que teríamos sobre o modo de vida medieval – encarnada na expressão tantas vezes repetida pelos historiadores – é de ‘amontoamento’. As distâncias físicas reproduziam as distâncias sociais, uma vez que as disparidades de fortuna ainda não eram tão ponderáveis que chegassem a exigir a edificação de barreiras protetoras entre os homens. Esta é uma das funções que, mais tarde, viria a ser desempenhada em filigrana pelas ruas e pelas largas avenidas, com suas calçadas, nas quais os mais pobres continuariam pedestres, frequentemente banidos do centro, enquanto os ricos seriam transportados com velocidade.<sup>12</sup>

Eram cidades improvisadas, repletas de labirintos e assimétricas, em que aproveitavam-se as características ambientais das árvores, plantas, pedras, rios, e demais viventes, adaptando as construções das casas ao meio. Todos os acontecimentos ocorriam na rua, um prolongamento da vida privada, tornando-se muitas vezes palco para espetáculos teatrais ao ar livre. A dramatização da vida privada era exposta na arte do viver em público, em forma de espetáculos entre os mundos. A força motriz utilizada para ir de um lugar a outro advinha preferencialmente do próprio corpo, e a segregação socioespacial ainda não era evidente. Apesar da expansão da desigualdade e do crescimento econômico e espacial urbanístico há movimentos históricos que sobrevivem, reatualizações de determinados modos de viver a rua e o espaço público. Ainda que tenhamos ampliado o zoneamento citadino, criado lugares segregados para acesso a shows e eventos públicos por exemplo, o desejo de viver a rua permanece latente nas várias expressões artísticas. Não se trata em dizer que há um resgate ao passado, mas que a história deixa vestígios simbólicos perduráveis, capazes de renovar determinados padrões e demandas de uso do território. Os movimentos de jardinagem libertária, hortas urbanas, ocupação de ruas e praças, inclusive em festejos como o carnaval, são exemplos de intervenções que tem por objetivo refletir sobre modos de vida, uso do espaço e a capacidade atual prover nossa própria subsistência.

Por falar em subsistência, o que nutre a nossa existência? Para Ailton Krenak, em uma entrevista recente a Fernanda Santana do jornal *Correio da Bahia*, a “maior parte da população do planeta e as cidades são grandes consumidoras de energia. Cidade não produz nada, consome”.<sup>13</sup> O alerta é válido e coerente, mas é possível afastar-se um pouco do fatalismo legítimo e catastrófico que envolve esta ideia. É fato incontestável que precisamos de sustento e recursos naturais para viver, e que a cidade depende da floresta e do campo para a garantia disso. Mas há nas cidades várias produções subjetivas vitais para também nutrirem nossa experiência de vida, inclusive de proteção do campo e da floresta. Aliás, campo e cidade são outros marcadores binários sem distinção na era medieval. Rodrigues afirma que a cidade era do campo, “construídas, com constância, em cimos de colinas: mas era porque se queria ver o campo, avistar de longe os que chegavam e partiam, era em razão de se desejar seguir as sugestões do relevo, ou pelo fato de não se abrir mão de aproveitar as terras planas para o cultivo”.<sup>14</sup> Por serem pequenas elas se autonutriam, produzindo os próprios alimentos no

<sup>12</sup> RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. *Op. cit.*, p. 104.

<sup>13</sup> SANTANA, Fernanda. “Vida sustentável é vaidade pessoal”, diz Ailton Krenak. *Jornal Correio*, Bahia, 25 jan. 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/vida-sustentavel-e-vaidade-pessoal-diz-ailton-krenak/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

<sup>14</sup> RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. *Op. cit.*, p. 103.

entorno das vilas. Conforme expandimos as fronteiras urbanas, consolidamos estas vertentes binárias e intensificamos o modelo metropolitanizado de consumo e dependência, inclusive do próprio campo. A cidade começa a ganhar status de civilização e modernização, enquanto o campo, com a expansão capitalística, transforma-se em agronegócio.<sup>15</sup> No entanto a realidade não é estática, tampouco única ou exclusiva, havendo no contemporâneo mobilizações coletivas de agroecologia e libertárias nas grandes metrópoles, que instigam nossos modos de relacionamento e consumo entre viventes, e com o próprio manejo da terra.

Os movimentos históricos e exploratórios dos espaços, assim como do próprio conhecimento de si, servem de fundamento para pensarmos nossos modos de organização social, os apagamentos culturais e a homogeneização subjetiva, levando em conta que “a civilização ocidental não tem respeitado a dignidade dos corpos humanos e a sua diversidade”.<sup>16</sup> As descobertas sobre o funcionamento do corpo serviram de base para os arranjos cosmopolitas, seus fluxos e trânsitos (de pessoas e insumos), bem como a dureza e rigidez, e até mesmo a flexibilidade, para gerir inclusive a convivência coletiva nas pequenas e grandes cidades. Sennett apresenta e analisa esta relação entre a cidade e o corpo, tomando este último como referência para compreender o espaço urbano e o modelo político-econômico que compartilhamos. Entendendo as dimensões, as estruturas e o funcionamento da cidade a partir do próprio corpo humano. A cidade para ele, é fruto da relação direta com as formas, funções e sistemas do corpo, bem como da imaginação coletiva humana e suas necessidades mais íntimas. É curioso como a organicidade da vida que pulsa em nós possa servir de inspiração para a construção de toda uma estrutura recente que absorve mais de 50% da população no planeta, e o quanto aquilo que edificamos pode transformar fisiologicamente o funcionamento do nosso próprio corpo.<sup>17</sup> E é sobre estes movimentos urbanos recentes, possíveis de proliferar outros corpos e imagens, sobretudo os que envolvem uma estética errante incorporada, o interesse deste ensaio.

## **Desacelerar: outras imagens possíveis**

O corpo se apropria de outro tempo e espaço pelo modo como se movimenta no mundo. São várias versões urbanas que circulam no imaginário de cada ser que nela transita, criando seus próprios mapas afetivos com a cidade que habita, memórias que lhe constituem em uma espécie de corpo rascunho. A cidade que me habita talvez só exista em mim, e pode ser diferente daquela que mora em você. Assim como a cidade de Despina de Ítalo Calvino, que “se apresenta de forma diferente” dependendo do modo como cada qual se movimenta por ela.<sup>18</sup>

<sup>15</sup> LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Ed. Unesp, 1988, p. 119.

<sup>16</sup> SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: BestBolso. 2016, p. 13.

<sup>17</sup> *Idem*.

<sup>18</sup> CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 21.

A experiência, em grande parte acelerada nas cidades e metrópoles, está materializada nas ruas e avenidas, e atravessa as relações sociais. A velocidade é um modo de exercer controle da vida, e ela é urbana, social, cultural, subjetiva. Esta aceleração tem empobrecido vínculos afetivos com os espaços e entre viventes, podendo simular um efeito narcótico viril, mantenedor da ordem e do controle opressor. Conforme pontua Sennett “ordem significa justamente falta de contato”, sobretudo entre as pessoas que usufruem dos ambientes urbanos, lugar onde circulam e vivem.<sup>19</sup> As armaduras, as inúmeras cápsulas, simbólicas ou não, que nos envolvem, dificultam trocas sensíveis entre as pessoas. Um corpo em repouso, estático e protegido do mundo e dos outros, terá dificuldades para ter contato para além de si, se não o limite entre o corpo e a máquina que lhe envolve, criando um ambiente hipoteticamente seguro para si e cada vez mais distante de outros corpos que lhe rodeiam.

Essa carência evidenciada pela dispersão geográfica das cidades contemporâneas, aliada às modernas tecnologias para entorpecer o corpo humano, levou alguns críticos da nossa cultura a consignarem uma divisão profunda entre o presente e o passado. A plenitude dos sentidos e a atividade do corpo foram de tal forma erodidas que a sociedade atual aparece como um fenômeno histórico sem precedentes. [...] A massa dos corpos que antes aglomerava-se nos centros urbanos, hoje está dispersa, reunindo-se em polos comerciais, mais preocupada em consumir que com qualquer outro propósito mais complexo, político e comunitário. Atualmente, em meio à multidão a presença de outros seres humanos é ameaçadora.<sup>20</sup>

A esterilização e a pacificação dos espaços guiadas pelas forças do capitalismo, assim como a gentrificação, operam na domesticação subjetiva dos corpos, fabricando falsos consensos e escondendo tensões que os constituem.<sup>21</sup> Estas políticas de gentrificação buscam também homogeneizar e esterilizar modos de existência no urbano, limitando acessos, comportamentos, vestimentas, trânsitos. Há sobretudo uma privação, não só por ocupar determinados espaços, mas de trocar com eles e entre nós. Há uma privação da vital diversidade, e muitas vezes fazendo da existência uma questão de sobrevivência. Políticas de empobrecimento subjetivo (controle e disciplinarização dos corpos, catracas para o exercício da criatividade) nos conduzem a um modo específico de vida, colonizando nossa existência e consolidando estruturas de dominação.

Obviamente que nem todo domínio é absoluto, mesmo com todo o investimento e cooptação capitalística. No plano subjetivo, haverá sempre possibilidades de aberturas de campos de visibilidade, de prosperar a vida e a existência. Há sempre algo que pode escapar, “apesar de tudo”.<sup>22</sup> As cidades e as pessoas se rebelam, mais cedo ou mais tarde. Uma das apostas de análise no texto é operar num fluxo lento e plural de práticas errantes, pelo movimento da bicicleta, e outras referências decoloniais, mobilizando potências e insurgências, para reinventar movências. A prática e/ou a presença da lentidão e da errância pedalante explicitam conflitos urbanos, principalmente porque errantes “recusam o controle disciplinar

<sup>19</sup> SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Op. cit., p. 18.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>21</sup> PELBART, Peter Pal. *Ensaio do Assombro*. São Paulo: n-1 Edições, 2019, p. 140.

<sup>22</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011, p. 65.

dos planos modernos”.<sup>23</sup> Errantes buscam estranhamento no que é familiar, um encontro com a diferença, uma escuta aguçada ao outro, um exercício de alteridade e uma aproximação sensível e política, tecida na experiência do espaço público metropolitano, de forma lenta e voluntária, implicando o corpo e seu contato. É um movimento questionador sobre os padrões urbanísticos de homogeneização das cidades e da vida.

Há um desejo latente de rua, afirma Pelbart, de poder habitá-la numa outra perspectiva ecosófica, que consiste “em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser”.<sup>24</sup> Um movimento que busca romper com a privatização da vida e reivindica uma vida coletiva e repleta de multiplidade. As barreiras e catracas, físicas e simbólicas, que dificultam a circulação da diferença nos espaços urbanos, estrangulam também os possíveis vínculos afetivos com os territórios. A construção de memórias e de histórias com espaço habitado é empobrecida quando compromete-se o trânsito da vida, sobretudo da diversidade da vida. Barrar a experiência com/em determinados territórios é acima de tudo impedir a narrativa sobre eles, e a experiência se torna corpo e mundo pela expressão daquilo que se vive, quando a parimos pela narrativa e histórias que contamos, recriando territórios e seus próprios mapas. Vagabundear coletando afetos sonoros, imagéticos, sensitivos, compondo narrativas e intervindo no espaço habitado de modo crítico e estético é contra-atacar e reagir aos desmontes no contemporâneo. Desvios utópicos que fortalecem o perder-se enquanto intenção pedagógica, carregada de uma carga simbólica de liberdade, tão temida pelo poder vigente.

Não se quer com isso dizer que a errância é a solução para todos nossos transtornos, ou que nos salvará de todos os problemas, como uma prática salvacionista, “não se trata aqui de propor um modelo de sociedade pronto para usar, mas tão somente se assumir o conjunto de componentes ecosóficos cujo objetivo será, em particular, a instauração de novos sistemas de valorização”.<sup>25</sup> O que se pretende é a partilha de outros modos de habitar e perceber o urbano. Desorientar o pensamento, lentificar o corpo, fecundá-lo e transfigurá-lo em outra forma de vida. É preciso ter clareza de que não será possível praticar a errância todo o tempo, mas que possamos minimamente garantir espaços, tempos e corpos para que ela aconteça. Se não conseguirmos criar as possibilidades de extrapolar a vida, que não a impeçamos. Deixar que ela aconteça rompendo com o campo do possível, ir além do óbvio, evocando “uma subjetividade mais plural, intensiva, plástica, coletiva, libertária, híbrida, mais de devoração que de devoção, de invenção do que de reprodução, com seu quinhão de loucura assumida”.<sup>26</sup> Uma outra relação com o tempo, com o corpo, com a cidade, a floresta, a vida. Os combates não se valem tanto pelos resultados, mas por aquilo que se produz durante o processo – sobre as imagens e palavras que se criam durante os eventos, e que mobilizam e disparam outros modos de existência – um outro modo de subjetivar-se.

<sup>23</sup> JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EdUFBA, 2012, p. 25.

<sup>24</sup> PELBART, Peter Pal. *Ensaio do Assombro*. Op. cit., p. 133; GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990, p. 15 (citação).

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>26</sup> PELBART, Peter Pal. *Ensaio do Assombro*. Op. cit., p. 138.

Há um conflito posto, que nos convoca a (re)aprender a conviver com a própria diferença que mora em nós. Nos forçando minimamente a compartilhar com a presença de um outro em meu caminho, intensificando a existência. Um tropeço, um toque, despedaçar o corpo e boicotar um determinado tempo hegemônico, compactuando com Safatle quando diz que a “revolução é retirar o tempo de seu ritmo e de seu princípio. Pois a natureza mais profunda do tempo é sair de seu próprio ritmo”.<sup>27</sup> Sugere-se que a lentidão possa ser uma postura política e estética de combate, onde possamos reinventar outros modos de (re)existir nas cidades e no contemporâneo. A percepção dessa vibração pode produzir fissuras que contribuam para um processo de desordem e de desequilíbrio afetivo, interferindo diretamente no controle asséptico que nos envolve. Apalpar o caos, trapaceando a conjuntura atual, burlando a vida mercantilizada, mantenedora de privilégios de uma classe burguesa dominante desavergonhada.

A cidade projetada pode desaparecer nas errâncias do corpo que pedala e/ou caminha, saltando urbanidades reinventadas. Onde o afeto, a imaginação, emoções, criações, invenções, sensações contagiam, aflorando outras narrativas e imagens cotidianas. Estas outras leituras e escritas imagéticas provocam ressignificações e fissuras no próprio imaginário do que pode vir a ser uma cidade. Para Jacques “a cidade deixa de ser um simples cenário no momento em que ela é vivida [...] desta forma, sobrevive e resiste no corpo de quem a pratica”.<sup>28</sup> Estas experiências urbanas expressas no corpo, corpografadas, fixam memórias através de imagens, objetos e outros corpos vivos, compondo um inventário das travessias cidadinas.

Corpografar é, conforme Jacques, uma cartografia corporal feita pelo e no corpo, onde a experiência e a memória urbana ficam mapeadas nele “em diversas escalas de temporalidade [...] grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de que experimenta”.<sup>29</sup> Este é o método utilizado na pedalada investigativa e na tessitura do texto. A construção de mapas afetivos, poéticos e imagéticos, redesenhando outras formas de compreender o caminho e o trajeto, são forças de expansão que podem projetar para outros modos de habitar o urbano. Uma cartografia afetiva que realça a sensibilidade dos lugares que foram percorridos e que ficaram inscritos/psicografados no corpo, em que suas memórias evocam variadas sensações e urbanidades. Essas narrativas escritas e imagéticas podem contribuir para a expansão da percepção sobre a urbe e sobre as potências de existir enquanto viventes no ambiente. Um relato-captura do sensível que entrecruza passagens, travessias, descansos, fluxos, afetos e passeios sensitivos.

Há uma ética envolvida na retomada da noção das potencialidades do corpo, de ocupação dos espaços comuns, da poesia que se faz do traçado errante. Quais espaços de acolhimento e encontros há na cidade? Que imagens são possíveis de serem acessadas e produzidas no desacelerar errante? Aliás, as imagens trazidas para este ensaio contribuem para a composição do texto não de forma ilustrativa, nem explicativa. Elas são acionadas para

<sup>27</sup> SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos...* Op. cit., p. 110.

<sup>28</sup> JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, fev. 2008.

<sup>29</sup> *Idem*.

expandir a percepção das aparições preciosas e sobrevivências luminescentes na cidade, e por isso não são analisadas.<sup>30</sup> Estão anunciando os modos ativos e desejantes na urbe. A imagem é compreendida neste processo como àquela luz que piscou em um determinado momento, uma sobrevivência efêmera capaz de alargar mundos. Ela tem uma potência germinativa, especialmente quando circula no cotidiano mais acalmado. Para além do contraste de luz e sombra, um momento de força indestrutível para enxotar o pessimismo e mover outras potências (pixos, frases soltas e capturadas, corpos saltitantes, ocupações abrihantadas).

As sobrevivências não prometem nenhuma ressurreição (haveria algum sentido em esperar de um fantasma que ele ressuscite?). Elas são apenas lampejos passeando nas trevas, em nenhum caso o acontecimento de uma grande "luz de toda luz". Porque elas nos ensinam que a destruição nunca é absoluta – mesmo que fosse ela contínua –, as sobrevivências nos dispensam justamente da crença de que uma "última" revelação ou uma salvação "final" sejam necessárias à nossa liberdade.<sup>31</sup>

Não quero com isso explicar quase nada, tão pouco criar definições acabadas. O que desejo é dar algumas pistas imagéticas de uma errância metodológica, um tecido errante costurado pelo caminho percorrido. Inundada por afetos e escutas e presenças insurgentes, provenientes de deambulações pelas cidades, busco revelar e expor a força do inútil, daquilo que é micro e marginal.

**Figura 1** – Cidade poética, Valparaíso-Chile / Quito-Ecuador / Blumenau-Brasil.



Fonte: Acervo Pessoal, 2016.

<sup>30</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Op. cit.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 84.

A maneira como me movimento, pela cidade, reflete na forma como a leio. A leitura de um corpo sobre outro corpo. Um corpo humano com todos os sentidos aguçados, lendo o corpo da urbe, emergindo escritos, grafias, imagens e narrativas plurais da troca entre os corpos. Os modos e meios de transporte, o trânsito, a mobilidade e a ocupação urbana estão no epicentro das discussões sobre cidade. O direito de acesso à urbe torna-se tão importante quanto os direitos fundamentais de qualquer pessoa, "os movimentos atuais [que reivindicam] o direito à cidade são movimentos estéticos no sentido de que novos regimes de sensibilidade estão sendo criados e processados.<sup>32</sup> Contraespaços, heterotopias, que se opõem aos espaços sedentários e higienizados, disparando diferentes horizontes.<sup>33</sup> Um gesto, um movimento, o tempo de deslocamento, alarga e abre outras perspectivas. Um corpo-urbano-errante que vibra pelas urbanidades que lhe apresentam, o "sensível e o imaginário nele dialogam com infinito refinamento, suscitando interpretações, ficções, perspectivas que dão origem a outros tantos corpos poéticos".<sup>34</sup> O corpo que pedala e/ou caminha pela cidade, podem ser corpos poéticos, que coreografa cotidianamente seus modos de viver a urbe e de redesenhá-la pelos diálogos e ritmos que se envolvem.

**Figura 2** - Des-velo-cidade, Blumenau/SC e Florianópolis/SC.



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

<sup>32</sup> MARQUEZ, Renata. Diálogo. In: CAMPBELL, Brígida. *Arte para uma cidade sensível*. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015, p. 228.

<sup>33</sup> FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico... Op. cit.*

<sup>34</sup> SUQUET, Annie. *História do corpo... Op. cit.*, p. 526.

## Aberturas inconclusivas

Concordando com Rolnik, penso que driblar o regime hegemônico passa pela busca da nossa própria potência de criação, em conseguir perceber as forças do mundo que habitam nossos corpos e a suas expressões.<sup>35</sup> O que conseguimos criar com elas, e à partir delas, não é algo que começa ou que termina em nós, mas que nos interpela e passa por nós, assim como nós também passamos pelo mundo. Compreender o dinamismo da urbe de modo errante foi o interesse neste ensaio, expondo as sensações que irradiam e ditam a velocidade, compatível com a minha própria curiosidade e deambulações afetivas. Para o pesquisador Pablo Fernández Christlieb, em seus estudos sobre a cidade, a velocidade da bicicleta segue a rapidez dos nossos pensamentos, e assim também pode ser transformada em traçados metodológicos e pedagógicos, entrelaçando com a errância (perder-se), corpografia e cartografia.<sup>36</sup>

É possível ver no movimento errático uma heterotopia que constitui “pura e simples abertura”,<sup>37</sup> uma lente que faz perceber os contraespaços urbanos. Vislumbrando horizontes e prazeres, bem como a possibilidade de acessar uma cidade heterotópica, contestando os lugares, modos de deslocamento e arquiteturas. Temos visto os constantes ataques ao que é público – espaços urbanos, escolas, universidades - por políticas, geografias e arquiteturas de desmonte, afastando convivências e experiências urbanas. Este afastamento é uma das estratégias de isolamento subjetivo que se propõem enfraquecer a vida comunitária e as potências dos encontros. O esvaziamento das ruas dissolve mobilizações coletivas, tão temidas por ameaçarem poderes e controles. Os golpes tem sido exercidos sobretudo nos espaços institucionais, com intuito de controlar os corpos e a união das pessoas, e por isso é latente reinventarmos o modo como lidamos com as teias do poder, principalmente aquelas exercidas na cidade, além é claro da defesa destes territórios. Segundo Guattari “ou a humanidade [...] reinventará seu devir urbano, ou será condenada a perceber sob o peso de seu próprio imobilismo, que ameaça atualmente troná-la impotente face aos extraordinários desafios com os quais a história a confronta”.<sup>38</sup>

Demarcar espaços é uma política de extrema importância para garantir a sobrevivência de determinados modos de vida (parques, faixas exclusivas, praças, reservas). Mas a existência extrapola as demarcações. Ela demanda o direito de poder existir em qualquer lugar para além das suas próprias fronteiras. Um corpo movente, que se desLOUCA de modo ritmado, sem regras de trânsito pré-determinadas pelos motorizados, que se expõe, rebela-se e saboreia outros modos de se mover, de mover o corpo, na cidade. Um corpo transgressor, que vibra e sente a adrenalina em ser movente na imobilidade urbana, e de poder se mo(ver), subvertendo a lógica maquínica do viver. Pela perspectiva da errância, a bicicleta aqui é apresentada não só como uma alternativa de transporte, mas uma possibilidade política de

<sup>35</sup> ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição... Op. cit.*

<sup>36</sup> CHRISTLIEB, Pablo Fernández. *La Velocidad de las Bicicletas y otros ensayos de la cultura cotidiana*. México: Vila Editores, 2005.

<sup>37</sup> FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico... Op. cit.*, p. 27.

<sup>38</sup> GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 158.

movimento existencial, uma espécie de prótese que rearranja urbanidades e expande potências corporais e cidadinas. De (re)existir diante à ditadura da velocidade que contamina as relações mundanas, pela magia de revelar os sentidos tão ofuscados frente à aceleração extrema. Revelações que se expressam pelo modo como teço a escrita e exponho as fotografias, na tentativa de perpetuar “mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”,<sup>39</sup> operando na construção das próprias narrativas sobre/na/com a cidade, “apresentando mundos de ficção”.<sup>40</sup> Um treino, de combate e de criação de linhas de fuga, modos de existir heterogêneos, e que sugerem uma outra estética urbana, um outro modo de relacionamento ético-sócio-estético-político. Acionando outros encontros entre corpos e existências, acreditando “que tudo é possível, tanto as piores catástrofes quanto as evoluções flexíveis”,<sup>41</sup> do (re)conhecimento da pluralidade insurgente que circula cotidianamente nas cidades e no mundo.

A leitura nômade e dissonante da urbe, inscrita no corpo, reinventa modos de viver, de perceber e imaginar o espaço habitado e o que nos habita. Esse outro tempo experienciado, a leitura do traçado urbano, marcada no corpo, contribui também para pensar a educação, a história e seus movimentos. Esticar o tempo, forçar a pensar outras experimentações, temporalidades, territorialidades, corporeidades, intensidades, fazem do corpo e da cidade um artefato pedagógico e formativo, um nada que pode tudo, um tudo que pode fazer nada. A rua e a cidade são compreendidos como espaços de aprendizados permanentes, e que podemos torná-las útil para o inútil. Não explicando quase nada e permitindo que o corpo expresse tudo, com gestos, um gesto, uma breve passagem escrita ou capturada imagetivamente no tempo.

---

<sup>39</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, p. 14.

<sup>40</sup> BRIZUELA, Natalia. *Depois da Fotografia: uma literatura fora de si*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014, p. 43.

<sup>41</sup> GUATTARI, Félix. *Três ecologias*. *Op. cit.*, p. 52.

## Referências

- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BRIZUELA, Natalia. *Depois da Fotografia: uma literatura fora de si*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHRISTLIEB, Pablo Fernández. *La Velocidad de las Bicicletas y otros ensayos de la cultura cotidiana*. México: Vila Editores, 2005.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico: As heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, fev. 2008.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EdUFBA, 2012.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Ed. Unesp, 1988.
- LESSA, Fábio de Souza; SOUZA, Maria Angélica Rodrigues de. A integração dos grupos de esposas na pólis. *Politéia - História e Sociedade*, Barcelona, v. 9, n. 1, p. 199-212, jun. 2011.
- MARQUEZ, Renata. Diálogo. In: CAMPBELL, Brígida. *Arte para uma cidade sensível*. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.
- RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1999.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- SAFATLHE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SANTANA, Fernanda. "Vida sustentável é vaidade pessoal", diz Ailton Krenak. *Jornal Correio*, Bahia, 25 jan. 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/vida-sustentavel-e-vaidade-pessoal-diz-ailton-krenak/>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- SUQUET, Annie. Cenas. O corpo dançante: um laboratório da percepção. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). *História do corpo*. Vol. 3: As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ZERNER, Henri. O olhar dos artistas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). *História do corpo*. Vol. 2: Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.